



Resenha

MARTINS, A. L. **História do café**. São Paulo: Contexto, 2008. 316 páginas, ilustrado.

História do Café

Fabio Ricci¹

Sabe-se que é possível contar a história por meio de bebidas. Cerveja, vinho, destilados, chá e até Coca-cola – cada um a seu tempo – marcam processos culturais e representam dinâmicas sociais, econômicas e políticas distintas. Não foi diferente com o café, que se propagou do oriente para o Ocidente, prestando-se às demandas mercantilistas que alimentaram o capitalismo, acompanhando as revoluções científicas e financeiras que presidiram a sociedade moderna, figurando como um de seus motores.

Estimulante e não alcoólico sua difusão adequou-se aos ambientes que exigiam sobriedade, primeiro nos encontros espirituais islâmicos, seu primeiro mercado, posteriormente transforma-se em ritual de sociabilidade e, posteriormente, a bebida que intermídia negócios e a motivação do trabalho e do desenvolvimento do capitalismo.

Produto básico de uma imensa cadeia de produção, em seu roteiro afrontou religiões, rompeu monopólios sólidos, escreveu páginas literárias. Nos países em que se difundiu, traçou destinos coletivos definidos pela divisão internacional do trabalho, que conformou sociedades contraditoriamente agrárias e modernizadas, marcadas por diversos paradoxos: “ há latifúndio, monocultura e

¹ Historiador, Mestre e Doutor em História econômica pela USP, professor/pesquisador do Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté. professora do programa de Mestrado em Gestão e Desenvolvimento Regional da Universidade de Taubaté - UNITAU, Taubaté, SP, Brasil. End: Rua Expedicionário Ernesto Pereira, 225, Centro, Taubaté, SP, CEP 12030-320. E-mail: fabioricci@uol.com.br

escravidão, como há metrópolesd, cidades mortas, fronteiras; há caboclos, barões, burgueses e imigrantes, como amores, preconceitos, maldades, negócios”. P. 10.

O tema café despertou interesse há longo tempo e, em momentos específicos, originaram grandes trabalhos de pesquisa, sejam detalhados em aspectos específicos seja em grandes sínteses.. Podemos indicar entre eles a coleção de 15 volumes de Afonso Taunay, editada em 1931, o trabalho de Sérgio Milliet, Roteiro do café e outros ensaios, de 1954e, a partir dos anos 1970, uma série de obras frutos dos cursos de pós-graduação das universidades, tem-se a produção acadêmica que vem enriquecendo a historiografia do café, cobrindo de forma pontual seus aspectos econômicos, sociais, políticos, arquitetônicos, agrônômicos e culturais e outras obras relevantes.

Nessa perspectiva, quando temos um século da assinatura do convênio de Taubaté, de 1906, vemos surgir algumas reflexões sobre o tema, objeto inclusive deste dossiê.

Continua o Brasil sendo o maior produtor mundial de Café e surge este trabalho da professora Ana Luiza Martins. História do café, da editora Contexto.

Propondo-se a ser um texto para o grande público, ele é apresentado de forma simples, com texto seqüencial, sem notas de rodapé e explicações bibliográficas e técnicas que fazem parte do mundo acadêmico e que tanta rejeição possui do público leigo. No entanto, todo o seu conteúdo é fundamentado em bibliografia da melhor qualidade que consta do final do livro. Complementando-se a esse propósito, possui uma coletânea de fotografias e mapas que ilustram o livro com propriedade e sem exagero, permitindo uma leitura leve e agradável ao leigo e traçando um panorama da cultura para os já iniciados, servindo aos dois públicos.

O livro está dividido em quatro capítulos, que possibilitam acompanhar a trajetória do café no Brasil em seus principais desdobramentos:

O capítulo “Origens” trata das origens da planta na África e seu avanço pelo Oriente, percebida desde o início como produto de mercado, do qual o primeiro foi a península arábica, nos idos do século XIV. Popularizou-se na Turquia, no século XVI, em estabelecimentos comerciais com o nome de “Café”. Difundiu-se na Europa, sendo distribuído a partir de Veneza, já no século XVII, em que pese a oposição ideológica da igreja católica, identificando o café como bebida

advinda dos pagãos muçulmanos, e da disputa de mercado com os vinhos e a partir da sua consolidação, houve sua dispersão pelo mundo. Na tentativa dos países europeus de conseguirem produzir o grão em sua colônias, primeiro a Holanda na Ásia, depois a França, que a introduz na América, a autora situa a chegada do café ao Brasil, no contexto da política econômica mercantilista que orientava a então colônia de Portugal, descrevendo as peripécias dos agentes responsáveis pela sua vinda pela colônia francesa da Guiana até o Pará e suas primeiras plantações até a sua chegada ao Rio de Janeiro, onde proliferaram-se plantações nos morros ao redor e na zona urbana da antiga capital.

O capítulo “Império do café” volta-se para a difusão do café no Brasil no século XIX e sua preponderância na construção do Império, figurando como produto principal de constituição de uma sociedade e de práticas culturais que vincaram o país. Descreve desde suas influências na composição dos símbolos nacionais, como os ramos de café no escudo do império, e na nossa cultura, formando uma elite cultural e política. Mostra o processo de plantação, produção e comercialização do café. Discute o desenvolvimento técnico de máquinas e beneficiamento, o trabalho, escravo primeiramente e, posteriormente, as várias modalidades de parceria até chegar ao trabalho livre, com destaque ao regime de colonato, que marcou a colonização do interior do Estado de São Paulo e da fundação e dinamização de muitos municípios. As ferrovias são bastante comentadas, todas elas direcionando-se aos portos exportadores, particularmente o de Santos.

O capítulo “República do café” contempla o papel decisivo do Café na República, tratado em dois momentos: antes e depois da crise de 1929, balizando nossa história republicana. Descreve como que a terra relacionava-se com o poder político e econômico, na chamada república do café com leite, como o espaço foi conformando-se aos objetivos da produção e do escoamento, como a construção das ferrovias, As crises que surgiram e seus efeitos, principalmente a de 1929, que culminou com o fim da política de defesa do preço do café que se criara desde 1906 e com a inusitada queima (literal) dos estoques, sempre direcionada pelo equilíbrio das contas externas e do mercado interno do país. Finaliza com a descrição da trajetória de fazendeiros pioneiros no desenvolvimento urbano industrial com capitais e força política para influenciar os destinos do país.

Por fim o último capítulo “Goles finais de uma história”, analisa o avanço contemporâneo dos cafezais e as práticas que vêm definindo seu uso, manejo e consumo no novo milênio.

Por tudo isso, trata-se de obra de referência para o público que hoje chega ao mercado de trabalho, aos bancos universitários e que não possuem uma leitura do processo de desenvolvimento do país, que alicerça-se, como país independente, imperial ou republicano, na atividade cafeeira.